

UMA ENTREVISTA

AN INTERVIEW



Karine dos Santos SOUZA
Doutoranda na Universidade de Brasília
Instituto de Letras – Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós-graduação em Literatura
<http://lattes.cnpq.br/1123989081415705>
<https://orcid.org/0000-0002-7266-9331>
souzakarine65@gmail.com

Resumo: No conto “Uma entrevista” — publicado originalmente como parte de uma coletânea escrita por Colette entre 1911 e 1914 —, um jornalista francês tenta captar a essência de uma escritora bem-sucedida. No entanto, a entrevistada é totalmente ignorada e nos é oferecido, na verdade, um retrato de um jornalista frustrado. Colette apresenta toda a sua ironia e humor nesta breve produção literária que gostaríamos de apresentar ao público brasileiro em tradução.

Palavras-chave: Colette. Tradução. Conto. Autoria de mulheres. Humor.

Abstract: In the short story “An interview” — originally published as part of a collection written by Colette between 1911 and 1914 — a French journalist tries to capture the essence of a successful woman writer. However, the interviewee is totally ignored and we are actually offered a portrait of a frustrated journalist. Colette presents all her irony and humor in this short literary production that we would like to present to the Brazilian public.

Keywords: Colette. Translation. Short Story. Women’s Authorship. Humor.



Sobre a obra

A obra *Contes des mille et un matins*, ainda inédita em português, reúne crônicas que Colette escrevia para o jornal *Le Matin* entre 1911 e 1914. Escrevendo desde crônicas judiciais e esportivas a reportagens sobre um grupo de criminosos que marcou a história francesa (*La bande à Bonnot*, 1912), Colette demonstra acuidade em seu olhar acerca de seu tempo.

Nos textos dessa obra, também aparecem o humor e a autoderrisão característicos da autora. O conjunto de textos constitui, portanto, um testemunho precioso da época em que viveu Colette. No conto aqui traduzido — “Uma entrevista” — a autora apresenta ao leitor, com um saboroso sarcasmo, um jornalista que tem ambição de ser escritor. Sabemos disso porque o personagem passa todo o conto, em que deveria entrevistar uma escritora, falando sobre suas ambições, frustrações e distúrbios psicológicos.

A narrativa começa dando a entender que existe uma pequena desavença entre o entrevistador e a entrevistada e que partem dela as razões para o desentendimento. No entanto, pouco a pouco, percebemos que se trata de um monólogo. As respostas da entrevistada aparecem sempre sob a forma de reticências, e o personagem a ser conhecido e analisado é o entrevistador.

O silenciamento das réplicas da personagem feminina é simbólico. Colette tece uma crítica aos padrões de comportamento presentes na imprensa francesa de sua época — composta predominantemente por homens — de maneira bem-humorada. A autora faz parte de uma segunda geração de mulheres que conseguiram desempenhar o papel de jornalistas na França, ainda que essa profissão fosse dominada e definida por homens (Stewart, 2014). Na época, o espaço que as mulheres podiam ocupar nos jornais era segregado, em geral, uma única página, reservada a assuntos relacionados ao lar, à moda e à família, como é possível verificar na pesquisa dedicada ao estudo da atuação jornalística da autora: *Gender, genesis and generation: Colette and Germaine Beaumont's journalism at Le Matin, 1910–1924*, publicada em 2014 no Canadá. Ainda de acordo com Stewart (2014), Colette e Beaumont (que também trabalhava no *Le matin*):

[...] Como mulheres em ocupações dominadas por homens, tiveram que lidar com uma imagem pública de autores e jornalistas como sendo masculina. Embora seu gênero não as impedisse de serem contratadas ou progredirem no *Le Matin*, [...] o gênero influenciou sua colocação e atribuições no jornal. Suas reputações também sofreram com suas decisões de escrever sobre assuntos “femininos” do ponto de vista de uma mulher moderna.¹ (STEWART, 2014, p. 166. Tradução minha.)

Dentro desse cenário — que é melhor destrinchado no artigo referenciado —, Colette escreve e publica cinco contos para o *Le matin* sem assiná-los, preocupada com a reputação escandalosa que tinha na época. Mas o seu estilo já não passa despercebido pelos leitores franceses, e, logo em seguida, ela começa a assinar o que publica no jornal de grande circulação. Pouco tempo depois, a coluna para a qual escrevia, antes nomeada “*Mille et un contes*” [Mil e um contos], passa a receber o subtítulo de “*Le journal de Colette*” [O diário de Colette] (Stewart, 2014). Devido a sua escrita irreverente, Colette extrapola os recortes temáticos reservados às mulheres e, evidentemente, critica-os. Na conclusão de sua pesquisa, Stewart (2014) afirma:

Finalmente, ao abordar a velha questão de como um assunto e um ponto de vista “feminino” impedem o reconhecimento literário e jornalístico, este artigo acrescentou à evidência de que escritoras e jornalistas “femininas” excepcionais como Colette poderiam transcender a condescendência dos conhecedores literários e jornalísticos com pouca concessão à crítica mainstream.² (STEWART, 2014, p. 176. Tradução minha.)

A personagem principal do conto “Uma entrevista” é um exemplo dessa contestação ou não-concessão que Colette faz ao jornalismo dominado por homens. É facilmente perceptível que o repórter de seu conto carrega uma mania de grandeza, comportando-se de maneira completamente egocêntrica. A personagem descreve diversos problemas psicológicos com os quais sofre, e os atribui ao esgotamento advindo de seu trabalho. Tudo isso enquanto transforma uma entrevista em um monólogo, buscando sempre equiparar-se à renomada escritora que deveria entrevistar e tomando-lhe a palavra. Pretencioso e recalcado, o personagem de Colette é construído como uma espécie caricatura atemporal.

O jornalista assume, portanto, papel predominante na narrativa, fazendo-nos pensar na alegoria das “*masquerading women*” de Rita Felski (2003). A crítica literária parte da análise de um outro conto de Colette — “*La femme cachée*” (1924) — para elaborar tal alegoria, e, segundo a autora, nele a mulher é representada como um enigma que resiste à interpretação. Nesse tipo de representação metafórica, a história é contada unicamente através do ponto de vista masculino, a mulher permanece escondida em silêncios e ausências. A figura feminina é apresentada ao público leitor a partir da perspectiva do homem, com um intuito muito específico: Colette adota o ponto de vista narrativo masculino justamente para poder subvertê-lo, para tornar evidente a sua contradição interna, para um desvendar dissimulado da autoridade masculina (Souza, 2021, p. 79).

Esta tradução é proposta justamente por encontrarmos, também no conto “*Uma entrevista*”, as estratégias narrativas supracitadas. Tais características, muito caras à escrita de Colette, a saber: o silenciamento da personagem feminina, a adoção de um ponto de vista narrativo masculino e a subversão operada pela autora através da ironia presente em seu texto; chamam a atenção por se encontrarem bem mobilizadas em um texto de tão curta extensão, no qual são facilmente identificáveis.

Por tal razão, acreditamos que esta tradução seja uma ótima forma de ter um primeiro contato com a autora ou mesmo de permitir que o contato pré-existente com sua obra seja prolongado, haja vista que existem traduções de outras produções da escritora para o português brasileiro. Almejamos, igualmente, que o contato com esta tradução possa contribuir para que mais pesquisas acerca da autora e de sua obra sejam feitas pela crítica literária feminista brasileira.

Sobre Colette

4

Sidonie-Gabrielle Colette, ou simplesmente Colette, viveu a virada do século XX. Nascida ainda durante o século XIX, em uma pequena comuna localizada no nordeste da França, no ano de 1873, muda-se para Paris ainda adolescente. Na capital, casa-se com o crítico literário Henry Gauthier-Villars (também conhecido como Willy). O marido publicou diversos romances da autora em seu próprio nome, e conta-se que Henry chegou até mesmo a escravizar a escritora, trancando-a em um quarto por mais de 16 horas para que trabalhasse em suas obras.

Em 1909, Colette divorcia-se de Henry e empreende uma batalha judicial para recuperar a autoria de seus textos. Disruptiva com suas personagens femininas, Colette pode ser considerada uma feminista *avant-garde*. Após o seu relacionamento problemático com Henry, ela ainda se casou outras duas vezes. Foi amante do artista transgênero Mathilde de Morny (ou Max), e impactou a sociedade francesa da *Belle Époque* de diversas formas, mas principalmente com sua escrita e atuação no mundo das letras. Publicou romances, peças teatrais, contos, crônicas e poemas em prosa. Além de ter trabalhado e publicado em jornais, como vimos na seção anterior. O reconhecimento de sua obra — apesar de todo o transtorno do início de sua carreira com Willy — existiu, e Colette chegou a conhecê-lo em vida.

No Brasil, Colette conta com a tradução de algumas de suas obras em comercialização atualmente: *Chéri* (2010), *A vagabunda* (2019) e *A ingênua libertina* (2019).

UMA ENTREVISTA

Le Matin, 25 de junho de 1914

— Ah sim, cara senhora, sou eu! Amaldiçoe o destino, e sou eu novamente! Você não esqueceu nossa última entrevista? Você me maltratou! Eu lhe revejo ainda, ao fim do seu bate-papo, nos extraordinários bastidores da Universidade popular... “O que que ele veio fazer aqui, esse daí?” você resmungou entredentes... Sim, sim, não negue. Eu lhe ouvi perfeitamente. O fato é que meu traje formal destoava de maneira singular naquele meio operário...

— ...

— Você tem razão, não se trata de um meio operário, é um meio... ajude-me com a expressão... popular! *Voilà*: um meio popular! E agora, falemos seriamente. Desta vez tomo o assento que você não me oferece, e me instalo — o que estou dizendo? Eu o invado! Nossa velha camaradagem me dá direitos, e ninguém terá, antes de mim, a resenha favorável ao seu novo livro... Entenda-me, eu gostaria de alguma coisa que saia um pouco do atemporal: “Nós encontramos a original artista em sua mesa de trabalho, entre o seu cão policial e seu gato siamês...”³ Cá entre nós, já vimos o bastante de seus animais! Eu quero apresentar aos nossos leitores uma verdadeira “você”, uma “você” um pouco analisada, um pouco aprofundada, um pouco... Perceba que tenho um lápis e um caderno! Diverte-me bastante brincar de repórter que toma nota dos cachorros atropelados e dos buracos da avenida... Não tem muito a ver comigo sair por aí com uma parafernália de gazeteiro...

— ...

— Sim, sim, de gazeteiro. Gosto dessa palavra cuja desinência desencorajada diz bem as tristezas, a mesquinharia, a morosidade desse ofício que não é um... Isso lhe impressiona, assumo, me escutar melancolizar desta maneira... É que acabei de atravessar, com dificuldade, um momento difícil...

— ...?

— Ah! Tudo e nada... Neurastenia. Uma palavra vaga que contém tantas misérias precisas... A tal ponto que estou ainda a me perguntar: devo me exilar no campo, com os quatro tostões que me deixou meu pai, para plantar meus repolhos, um modo de viver obscuro e... como dizer? monacal... Talvez esteja ali a sabedoria... E pouco importam os folhetos obscurecidos e os filhos inúteis do meu pensamento!

— ...?

— Sim... Eu elaborei um... como dizer? Um estudo! Um formidável “Estudo de homem” — gosto bastante desse título que se assemelha aos “Estudos de mulher”⁴ de Balzac... Vou falar-lhe com uma franqueza fraternal: meu livro está terminado — não está? A cada instante debruço-me sobre meu herói como sobre um abismo, e grito a mim mesmo: “Mas eu não o conhecia! — Apenas o vislumbro!”. Foi essa tarefa esgotante que me trouxe onde estou: neurastenia, perda de sono, apetite inconstante, enxaquecas, etc. E o ofício, durante esse tempo, o terrível ofício que não espera, que se impõe, que lhe empurra: vá, a rainha da feira *Sainte-Marguerite* lhe chama, o dramaturgo cuja peça será encenada amanhã lhe espera! Então, o corpo exasperado revolta-se, os nervos tomam o comando, e somos derrotados em plena corrida! ... Você conhece tudo isso, você passou pelas mesmas coisas, naturalmente...

— ...

— Vamos lá... não precisa negar, nós conversamos de coração aberto. Parece-me, a lhe escutar, que sua alma reflete um pouco a minha, estou tão feliz, tão honrado com essas semelhanças de impressões! O que você fez para triunfar sobre a crise?

— ...

6

— Eu, de início, fui pego por uma... como poderia dizer? Por uma fobia de barulho e de luz. Tive até mesmo a infantilidade de usar duas persianas, de cobrir minhas paredes com cortiças... E pude até mesmo — é para rir de pena! — propor aos meus vizinhos de cima de pagar-lhes um tapete... Eu vivia prisioneiro, iluminado por um único abajur: a anemia — eu paro as palavras em seus lábios — não se fez esperar; então começaram os fastidiosos tratamentos destinados a tonificar um organismo infeliz, que embora jovem, já estava esgotado.

Conheci a hidroterapia fria, a carne de cavalo crua, as cidades termiais — ah, que livro daria, se eu tivesse tido forças, essa temporada das cidades termiais! — e para resultados ilusórios, puramente ilusórios... O que você acha que eu fiz então?

— ...

— Sim, sim, você pressentiu! Pensei comigo: você esquecerá o seu mal voltando-se para o sofrimento dos outros. Você se refletirá humildemente nas pequenezas deles, em suas ambições, você confessará o que eles escondem; em uma palavra: você será repórter! Mas repórter como se é médico ou detetive; você não irá se misturar à multidão daqueles que se restringem ao papel de fonógrafo e de aparelho fotográfico, não! De uma palavra imprudente, você extrairá uma anedota; de um sorriso ou de um gesto, você fará um pequeno romance... Um romance calmo, certo, como aquele que se abriga entre os muros e sob as folhagens deste jardim... Não é?... Ah! É delicioso... Esse lugar provinciano, esse ar que tem cheiro de

tília... Aqui está o que teria sido necessário para os meus infelizes nervos, mas... Sem indiscrição, quanto você paga de aluguel?...

— ...

— Minha nossa!... O paraíso vale que paguemos por ele... Paraíso sem aquecimento?... Não? Com aquecimento? Bom. E você acha que no bairro eu encontraria...

— ...

— Ah! Se você diz... No fundo, você gostaria de atrair o seu confrade e colega para cá? Mesmo assim, em uma casinha como essa aqui, seria possível criar um conjunto encantador. Apenas com horríveis móveis de restauração... penteadeiras, lavatórios muito pequenos de porcelana florida... Eu sou muito bom com mobiliário, sabe... Ai, agora só pensarei nisso! É culpa sua, mas você irá me pagar!

— ...?

— Ah, Ah!... quem é que vai se encontrar amanhã no “*A hora*”, estampada dos pés à cabeça, com sua feminilidade aguda e sua sensibilidade hiperestesiada? É você, minha cara amiga, é você!

— ...!

— Como assim, você não abriu a boca? Ah! Essa expressão é tão feminina, como é coisa de mulher! Mas somente nessa expressão há cem linhas de psicologia!... A mulher não está toda naquilo que cala? Eu me salvo, você me arrancaria os olhos, pois uma mulher perdoa tudo a um homem — mesmo um repórter! — exceto a perspicácia. E eu lhe roubo uma rosa, — tenho uma paixão por flores! Se eu não fosse, hoje, apenas escravo do meu ofício, — e de uma curiosidade feita de simpatia e admiração — eu teria lhe contado como me veio esse culto às flores, é o caso mais estranho... Mas hoje, o dever primeiro! Cara senhora e amiga, o gazeteiro lhe beija as mãos e corre para sua usina — mas o amigo fica em pensamento, aos seus pés, sobre esse gramado que eles pisam suavemente...

Colette

REFERENCIAS

Colette, Sidonie-Gabrielle (2013). *Contes des mille et un matins*. J'ai lu.

Felski, Rita (2003). *Literature after feminism*. The University of Chicago Press.

Souza, Karine (2021). *Dans le jardin de l'ogre: Erografia feminina e o sujeito-mulher em narrativas de adultério*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná].
<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=114496&idprograma=40001016016P7&anobase=2021&idtc=1649>

Stewart, Mary Lynn (2014). Gender, genesis and generation: Colette and Germaine Beaumont's journalism at *Le Matin*, 1910–1924. *French Cultural Studies*, 25(2), 165–179.
<https://doi.org/10.1177/0957155814520921>

¹ [...] As women in male-dominated occupations, they had to deal with a public image of authors and journalists as masculine. Although their gender did not prevent them from being hired or advancing at *Le Matin*, the section on gender below details how gender influenced their placement and assignments on the newspaper. Their reputations also suffered from their decisions to write about feminine subjects from a modern woman's point of view. (STEWART, 2014, p. 166)

² Finally, in addressing the old question of how a 'feminine' subject matter and standpoint hinder literary and journalistic recognition, this article has added to the evidence that exceptional 'feminine' writers and journalists like Colette could transcend the condescension of the literary and journalistic cognoscenti with little concession to mainstream criticism. (STEWART, 2014, p. 176)

³ Colette ficou conhecida como escritora amante dos animais. Diversas reportagens retratam esse aspecto da vida da autora, inúmeras vezes fotografada com seus felinos e com seu buldogue francês.

⁴ Estudos de mulher (no original, *Étude de femme*) é, de fato, um conto de Honoré de Balzac publicado em 1830 na revista francesa *La Mode*. Trata-se de uma narrativa muito curta que retrata uma mulher tida como irrepreensível, a marquesa de Listomère, que jamais deixaria que lhe fizessem a corte. Mas o belo Eugène de Rastignac atrai sua atenção acidentalmente. O herói balzaquiano envia duas cartas, uma a seu advogado, a outra à sua amante e, por descuido, ele troca o endereço e é a marquesa quem recebe uma carta ardente de amor. Aparentemente chocada, mas em verdade radiante, a marquesa faz com que Rastignac seja retido à sua porta. Só então Eugène se dá conta de seu erro e restabelece a verdade junto à marquesa, que, decepcionada com o esclarecimento do fato, se cala e finge uma gastrite.